

**O TRABALHO NO SEMIÁRIDO: UM ESTUDO A PARTIR DE OBRAS  
LITERÁRIAS ALUSIVAS AO SERTÃO NORDESTINO**

**LABOR IN THE SEMI-ARID: A STUDY BASED ON LITERATURE  
REPRESENTING THE NORTHEASTERN HINTERLAND**

Jaqueline Aparecida Nogueira  
Mestre em Letras  
Universidade Federal de São João Del-Rei  
([jaqueline@nepomuceno.cefetmg.br](mailto:jaqueline@nepomuceno.cefetmg.br))

Lucas Guedes Vilas Boas<sup>1</sup>  
Mestre em Geografia  
Universidade Federal de Juiz de Fora  
([lucasguedes@nepomuceno.cefetmg.br](mailto:lucasguedes@nepomuceno.cefetmg.br))

**RESUMO:** O intuito deste artigo é discutir algumas características concernentes ao trabalho presentes em importantes obras da literatura nacional que abordam o sertão nordestino. Neste sentido, alguns poemas e romances escritos por João Cabral de Melo Neto, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Euclides da Cunha são analisados a partir dos estudos de Karl Marx, György Lukács, entre outros autores, acerca da questão do trabalho. Alguns romances retratam minuciosamente aspectos sociais, econômicos, políticos e físicos do semiárido nordestino, região famosa pelo pauperismo, pelas chuvas escassas e mal distribuídas, entre outras particularidades. Ademais, diversas obras literárias abordam este mote, visto que o trabalho constitui parte do cotidiano de homens e mulheres. Neste contexto, o artigo explora elementos relativos à reificação, à extração da mais-valia, ao estranhamento e à alienação do trabalho. Em virtude da diminuta fertilidade de seus solos, a disputa pela terra é mais acirrada no sertão nordestino, reverberando em elevados índices de violência no campo e de concentração fundiária. Destarte, as relações de trabalho da população sertaneja são discutidas neste estudo, ressaltando alguns de seus predicados, como a insalubridade e a exploração.

**Palavras-chave:** Trabalho. Sertão Nordeste. Alienação. Reificação. Estranhamento.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to discuss some characteristics concerning labor in important texts of the national literature that address the northeastern hinterland. In this sense, some poems and novels written by João Cabral de Melo Neto, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, and Euclides da Cunha were analyzed from the perspectives of Karl Marx, György Lukács, among others, about the labor question. Some novels represent minutely social, economic, political, and physical aspects of the northeastern semi-arid, a region famous for its pauperism and sparse, badly distributed rainfalls, among other singularities. Furthermore, several literary texts address this theme because labor constitutes part of the routine of the man and woman. In this context, the article explores elements related to reification, extraction of the surplus value, the strangeness, and the alienation of labor. Due to the low fertility of its soils, the land dispute is fiercer in the northeastern hinterland, reverberating in high rates of violence in the countryside and land concentration. Thus, the work relationships of the hinterland population are discussed in this study, highlighting some of their attributes, such as insalubrity and exploitation.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Efetivo do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

**Keywords:** Labor. Northeastern Hinterland. Alienation. Reification. Strangeness.

## **Introdução**

Inúmeras obras proeminentes no horizonte literário nacional enaltecem as particularidades culturais e as singulares belezas das paisagens típicas do semiárido nordestino, região de inúmeros contrastes socioeconômicos. Entretanto, também denunciam os malefícios ocasionados à população sertaneja pela desigualdade social, pela disparidade de renda e pela concentração fundiária vigentes nesta porção do território brasileiro.

Ao discutir as relações entre história e literatura, Borges (2010) destaca uma diferenciação entre ambas, pois a primeira pode ser compreendida como um processo social e uma disciplina científica, enquanto a segunda pode ser considerada uma expressão artística da sociedade. Todavia, a narrativa ficcional literária é capaz de oferecer indícios para a investigação de eventos e contextos históricos.

No tocante ao assunto, Candido (2011) enuncia que a literatura é um produto social, a qual exprime as características da sociedade, isto é, do espaço-tempo em que foi escrita. Ademais, o literato afirma que as forças sociais, tais como os valores e as ideologias, condicionam a ocasião da produção de uma obra, bem como sua necessidade. Assim, o autor corrobora os liames entre as duas áreas, pois ressalta as influências do contexto histórico para as obras artísticas, como as literárias.

Historicamente, as Ligas Camponesas, fundadas pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) no decênio de 1950, descortinaram a situação caótica (ANDRADE, 1979) vivenciada pelo sertanejo no Nordeste. Francisco Julião, membro mais afamado do movimento, advogou em favor dos trabalhadores agrícolas nordestinos na luta contra a exploração e a opressão no processo de trabalho.

Práticas como o cabocó - que consistia num castigo aplicado aos trabalhadores desobedientes em que estes eram submersos em tanques com baixas temperaturas -, foram combatidas pelos militantes do movimento. Ademais, as Ligas se destacaram no empenho pela reforma agrária e pela melhoria das condições de trabalho no campo. Devido à perseguição e à repressão sofridas durante a ditadura militar, as Ligas Camponesas foram extintas e vários de seus integrantes foram assassinados (ANDRADE, 1979).

Apesar de possuir liberdade perante a veracidade dos fatos, podendo articular livremente elementos ficcionais, a literatura também desempenhou importante papel na denúncia das violentas e nocivas jornadas de trabalho cumpridas pelos sertanejos. Referindo-se às principais características da população sertaneja, Darcy Ribeiro (2010) considera como sertanejo o povo residente nas áreas interioranas do Nordeste, caracterizadas pela vegetação xerófila, cuja ocupação foi impulsionada pela migração da pecuária do litoral para o sertão, pois o gado reiteradamente destruía as lavouras canavieiras. No tocante ao assunto, Ribeiro (2010) salienta algumas peculiaridades do sertão nordestino, como as práticas coronelistas, o cangaço, a religiosidade do sertanejo, entre outras.

Deste modo, o objetivo deste artigo é discorrer sobre as qualidades relativas ao trabalho contidas em renomadas obras literárias concernentes ao sertão nordestino, conciliando-as com as discussões teórico-metodológicas de autores que abordam a temática do trabalho. Os literatos cujos escritos serão analisados neste artigo são Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, João Cabral de Melo Neto e Rachel de Queiroz, escritores prestigiados no cenário literário nacional.

### **Metodologia**

A pesquisa efetivada possui caráter qualitativo, caracterizando-se como uma pesquisa bibliográfica, a qual se baseia na leitura e na análise de obras científicas, as quais constituem fontes secundárias em relação ao tema estudado. Desta maneira, considerando-se que a pesquisa bibliográfica se aproxima de outros saberes (OLIVEIRA, 2012), este artigo conjuminará em sua revisão literária a interpretação de obras científicas e literárias.

### **Desenvolvimento**

É usual a atribuição da culpa pela miséria dos habitantes do sertão nordestino a fatores físicos, como a reduzida pluviosidade, a distribuição irregular das chuvas, o solo arenoso, o qual favorece a lixiviação, entre outros. Contudo, esta atitude escamoteia a realidade, constituindo uma estratégia ideológica para ocultação dos elementos ocasionadores do pauperismo de parte da população sertaneja. Conforme advoga Lukács (2003), a utilização de noções ou de argumentos das ciências naturais para a explicação de fenômenos sociais possui uma ideologia conservadora,

associada ao pensamento burguês, cujo intuito é a manutenção do seu *status quo* e de seus privilégios. As causas da pobreza de um grupo populacional estão diretamente vinculadas à estrutura socioeconômica e às relações de produção e de trabalho vigentes. Considerando-se a necessidade de ruptura com as teorias que naturalizam a miséria da classe trabalhadora, as relações de trabalho são discutidas com base na literatura relativa ao sertão nordestino.

O trabalho distingue o homem dos outros animais, visto que é projetado no cérebro humano antes de sua execução. Como o ser humano planeja suas ações na consciência, a ideação antecede a objetivação, processo no qual a ideia é materializada através do trabalho. Os demais animais realizam operações para sua sobrevivência e reprodução, contudo, estas operações são comandadas por mecanismos puramente biológicos. Através dele, o homem transforma a natureza em seu proveito e retira os recursos necessários à sua vida e ao desenvolvimento social. Para além, a divisão do trabalho é um elemento imprescindível na compreensão das sociedades humanas (MARX, 2004; 2006; LEFEBVRE, 2013).

Em **Morte e Vida Severina**, João Cabral de Melo Neto aborda a dificuldade de acesso do sertanejo à terra. Descrevendo o árduo percurso do retirante Severino oriundo do sertão em direção à capital, o autor desvela as mazelas causadas pelo latifundiarismo. O excerto a seguir, relativo aos dizeres proferidos no enterro de um trabalhador rural, aborda o problema da concentração fundiária e da luta pela terra no semiárido nordestino:

— Essa cova em que estás,  
com palmos medida,  
é a cota menor  
que tiraste em vida.

— É de bom tamanho,  
nem largo nem fundo,  
é a parte que te cabe  
neste latifúndio.

— Não é cova grande.  
é cova medida,  
é a terra que querias  
ver dividida.

(MELO NETO, 2009, p. 118)

A passagem mencionada alude à dificuldade do sertanejo em lograr seu pedaço de terra. A expropriação dos meios de produção converte homens e mulheres em proletários, impelindo-os ao trabalho assalariado nas propriedades agrícolas de

outrem ou nas fábricas urbanas, no caso dos indivíduos que optam pela migração campo-cidade. Destarte, quando o agricultor é proletarizado, deixa de comercializar os víveres produzidos em suas terras, passando a vender sua própria força de trabalho (KAUTSKY, 1980).

Conforme enuncia Lefebvre (2013), a alienação ocorre quando os produtos do trabalho escapam ao controle e à vontade de quem os produziu. A alienação não é somente ideológica, mas em sua essência é material, pois o proletário se vê despossuído dos produtos de seu trabalho. Conforme advoga Marx (2006), no modo de produção capitalista, o trabalho é convertido em algo externo ao trabalhador, negando sua condição humana e tornando-o algo próximo às máquinas. Uma vez que o trabalho também é mercadoria no capitalismo, seu produto é algo estranho, um poder independente ao trabalhador, o qual é duplamente alienado, tanto no tocante ao trabalho, quando com relação à produção. Assim sendo, o trabalhador sem-terra do sertão nordestino tem seu trabalho e sua produção alienados, visto que não é o proprietário das mercadorias que produz, tampouco controla o seu trabalho, o qual geralmente é realizado de maneira mecânica.

Para além, é notória a perversidade e a contradição presentes no fato de um trabalhador que batalhou durante toda a vida pela conquista de sua fração de terra, obtê-la apenas no momento de sua morte. A elevada concentração fundiária, associada aos elevados índices de violência no campo nordestino, evidencia a necessidade de uma distribuição mais justa e igualitária de terras no país, uma vez que a Constituição nacional assegura o direito à terra e à reforma agrária (ANDRADE, 1979). Nesta contextura, ao narrar o itinerário do vaqueiro Fabiano e de sua família pelo sertão na célebre obra **Vidas Secas**, Graciliano Ramos disserta:

Fabiano, uma coisa da fazenda, um traste, seria despedido quando menos esperasse. Ao ser contratado, recebera o cavalo de fábrica, perneiras, gibão, guarda-peito e sapatões de couro cru, mas ao sair largaria tudo ao vaqueiro que o substituísse (RAMOS, 2012, p. 23).

No excerto em destaque, a cena descrita pelo autor ilustra uma consequência da não posse dos meios produtivos. Como não possui sequer um mísero pedaço de terra, Fabiano trabalha nas terras de outros, recebendo as ferramentas e os instrumentos de produção necessários ao seu ofício. Destarte, o trabalho e a produção do vaqueiro são alienados, visto que os víveres por ele produzidos pertencem ao

proprietário das terras (MARX, 2004; 2006; LEFEBVRE, 2013). No modo de produção capitalista, em virtude da divisão da sociedade em proprietários e não proprietários dos meios de produção, as mercadorias não pertencem a quem as produziu, mas aos capitalistas proprietários dos meios produtivos. Por conseguinte, o capitalismo aliena os meios de vida, os quais não pertencem ao trabalhador, mas aos burgueses agrários e/ou industriais que exploram sua mão de obra (MARX, 2006).

O episódio do sertanejo Fabiano exemplifica este processo, visto que ao ser dispensado da propriedade onde era assalariado, não poderia levar consigo os instrumentos de trabalho, os quais seriam continuamente disponibilizados pelo proprietário fundiário a outros proletários assalariados que teriam suas forças de trabalho exploradas naquelas terras. Destarte, o trabalho de Fabiano é alienado, pois não satisfaz diretamente suas necessidades, mas é um artifício para obtenção de dividendos que permitem a aquisição de objetos indispensáveis à subsistência humana (MARX, 2006).

Em **Vidas Secas**, Graciliano Ramos (2012) representa toda a rudeza da vida do sertanejo, o qual em virtude das dificuldades de sobrevivência no semiárido nordestino, se transforma em sujeito áspero, espinhoso e seco, semelhante às plantas xerófitas do sertão, as quais persistem, apesar das adversidades hidrológicas e pedológicas do sertão. Nesta contextura, Calasans (1970) disserta que os habitantes do litoral nordestino alcunharam depreciativamente os sertanejos de jagunços.

No poema **A Cana dos Outros**, integrante da coletânea *Serial* (1959-1961), João Cabral de Melo Neto ilustra algumas das consequências da alienação e do estranhamento do trabalho. O autor sublinha o dissabor do cortador de cana em sua labuta diária, a qual lhe gera grande extenuação. Para além, outra desvantagem do emprego no canavial é sua sazonalidade, pois o trabalhador carece de exercer outra profissão em determinado período do ano, possivelmente em outro local. De acordo com as palavras do poeta:

Num cortador de cana  
o que se vê é a sanha  
de quem derruba um bosque:  
não o amor de quem colhe.  
Sanha fúria, inimiga,  
feroz, de quem mutila,  
de quem, sem mais cuidado,  
abre trilha no mato.  
(MELO NETO, 2008, p. 134)



No excerto mencionado, o agricultor, expropriado de suas terras, modifica sua relação com os gêneros agrícolas cultivados. Outrora, quando os frutos de seu trabalho eram de sua posse, o envolvimento com a terra e os víveres lavrados era notável, pois os alimentos colhidos participavam da dieta alimentar do grupo familiar. No momento em que é despojado de suas terras, seu trabalho e a produção decorrente de seu labor são alienados e estranhados. Destarte, o trabalho se torna um tormento, ao qual o proletário deve se sujeitar para obter a remuneração necessária à aquisição dos víveres indispensáveis à sua subsistência. Neste âmbito, referindo-se ao trabalho assalariado e à exploração sofrida pelo proletário desprovido dos meios de produção, Marx (2011, p. 240) disserta:

Ao contrário, ele tem mais de empobrecer, como veremos mais adiante, porque a força criativa de seu trabalho se estabelece perante ele como a força do capital, como *poder estranho*. Ele *aliena* o trabalho como força produtiva da riqueza; o capital apropria-se dele enquanto tal. A separação de trabalho e propriedade no produto do trabalho, de trabalho e riqueza, é posta, por conseguinte, nesse próprio ato da troca.

No âmbito do modo de produção capitalista, o produto do trabalho é um objeto estranho ao trabalhador, pois é apropriado por outrem. Para além, também há o estranhamento do trabalho, pois o próprio trabalho é convertido em objeto, algo externo ao trabalhador, não pertencendo a ele. Desta maneira, seu trabalho não é livre, pois é impelido pela necessidade de subsistência, isto é, pela remuneração recebida. Assim, o ser humano se aproxima dos demais animais, visto que trabalha para obter rendimentos para a satisfação de suas funções orgânicas e necessidades básicas, tais como a alimentação. A atividade de seu trabalho não o pertence, tampouco é livre, pois fica sob o domínio do proprietário da indústria ou das terras, o qual decide todas as suas ações no processo de trabalho (MARX, 2004).

De acordo com os dizeres de Marx (2006), no modo de produção capitalista, a atividade de trabalho e os produtos dela resultantes são estranhos ao trabalhador, pois não o pertencem, estando sob o poder de outros homens, os proprietários dos meios de produção. Neste cenário, o salário e a propriedade privada são desdobramentos do trabalho estranhado, pois se a maioria dos trabalhadores não possui os produtos por eles fabricados, isto indica que a sociedade é fundamentada no trabalho assalariado e na propriedade privada dos meios produtivos.

Desta maneira, o estranhamento promove o afastamento do ser humano de sua essência humana, visto que as atividades realizadas são direcionadas apenas à satisfação das necessidades básicas de subsistência (MARX, 2004; 2006). Com o advento do taylorismo e a posterior difusão do modelo fordista de produção, há a ampliação do trabalho estranhado, visto que o desenvolvimento técnico-científico, o qual culmina no progresso das forças produtivas, acentua o estranhamento nos processos de produção e de trabalho (MARX, 2006).

No romance **O Quinze**, Rachel de Queiroz narra a história de uma família cearense após a Grande Seca de 1915, uma das maiores registradas no país, a qual impactou principalmente o nordeste do território brasileiro. A escritora descreve minuciosamente as dificuldades vividas pelos moradores dos campos de concentração, cuja instalação ocorreu nas adjacências das grandes urbes, com o intuito de impedir que os migrantes sertanejos adentrassem as capitais e as cidades de maior contingente populacional.

Os retirantes acomodados nos campos de concentração eram assolados por diversas epidemias, como a varíola, e devastados pela míngua de alimentos, cujas principais consequências eram a debilitação de seus estados de saúde e severos quadros de desnutrição e subnutrição. Ademais, o trajeto percorrido pelos migrantes era penoso, reservando inúmeros empecilhos aos homens e mulheres que atravessavam o sertão, dentre os quais se destacam a inópia de água e de alimentos e as elevadas médias térmicas corriqueiras durante toda a viagem (MELO NETO, 2009; QUEIROZ, 2010; RAMOS, 2012). No excerto a seguir, a romancista aborda uma situação melindrosa vivida pelo retirante Chico Bento:

E a mão servil, acostumada à sujeição no trabalho, estendeu-se maquinalmente num pedido... mas a língua ainda orgulhosa endureceu na boca e não articulou a palavra humilhante. A vergonha da atitude nova o cobriu todo; o gesto esboçado se retraiu, passadas nervosas o afastaram (QUEIROZ, 2010, p. 54).

No fragmento em evidência, Rachel de Queiroz narra o momento em que Chico Bento observa um homem ordenhar uma vaca e cogita solicitar um pouco de leite para alimentar a família, faminta e subnutrida em razão da parca alimentação ingerida no trajeto pelo sertão. Contudo, o sertanejo hesita devido ao constrangimento do pedido. Nesta passagem, a autora aborda algumas características das relações de trabalho



no semiárido nordestino, como a subordinação do trabalhador ao patrão, proprietário dos meios de produção.

A extensão da mão servil num movimento maquinal revela as consequências da alienação e do estranhamento do trabalho, fenômenos nos quais o trabalho é convertido em um processo mecânico e fastidioso, pois o proletário não possui as mercadorias produzidas pelo seu labor, constituindo somente mais um instrumento empregado na produção (MARX, 2011). Ademais, indica que o trabalho é reificado, visto que compara os movimentos do trabalho braçal executado pelo vaqueiro às operações efetuadas por uma máquina. Deste modo, o trabalhador é transformado em uma espécie de autômato, uma mercadoria útil no processo de produção, a qual não contesta as ordens ou recomendações exigidas pelo empregador, tampouco compreende todos os estágios da produção.

Nas sociedades capitalistas, pautadas no assalariamento e na privatização dos meios de produção, a reificação (ou **coisificação**) é um fenômeno comum, atingindo a maioria dos trabalhadores (LUKÁCS, 2003). Em diversos momentos do romance **Vidas Secas**, Graciliano Ramos aborda a reificação do trabalhador, sobretudo nos relatos acerca do vaqueiro Fabiano. Em relação à resignação do sertanejo quanto à sua condição de proletário, o autor narra que:

Tinha obrigação de trabalhar para os outros, naturalmente, conhecia o seu lugar. Bem. Nascera com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. Tinha vindo ao mundo para amansar brabo, curar feridas com rezas, consertar cercas de inverno a verão. Era sina. O pai vivera assim, o avô também (RAMOS, 2012, p. 97).

No trecho mencionado, Fabiano demonstra total ceticismo no tocante à possibilidade de mudança. Para ele, seu destino era tratar do gado, única ocupação que conhecia, não vislumbrando outras perspectivas. O fatalismo, típico da mentalidade burguesa, impregnou ideologicamente seu pensamento e suas ações, atravancando qualquer cenário utópico (LUKÁCS, 2003). Para os fatalistas, a miséria é algo inerente às sociedades humanas. Desta maneira, não percebem que o pauperismo é originado por relações capitalistas de produção e de trabalho. Consoante aos dizeres de Lukács (2003), a reificação, assim como o fetichismo da mercadoria, transforma os fenômenos sociais, conferindo-lhes a aparência de

acontecimentos inerentes e naturais, quando na realidade, derivam das relações sociais.

Em **Vidas Secas**, Fabiano compreende seu árduo cotidiano de trabalho e a penosa condição de vida de toda a família como fatos intrínsecos aos seus modos de vida, olvidando-se dos desiguais e injustos processos e relações sociais de produção e trabalho que cooperam para a miséria da maioria dos trabalhadores. Neste contexto, conforme advoga Lukács (2003), a reificação atua sobre o julgamento do vaqueiro, impelindo-o à pacífica aceitação da exploração de seu trabalho e do pauperismo em que vive acompanhado de seus familiares, numa perspectiva notadamente fatalista.

Na produção capitalista, o homem se objetiva e a mercadoria se subjetiva, promovendo a conversão do homem em coisa, mercadoria cuja mão de obra é adquirida por determinado valor, geralmente um salário (LUKÁCS, 2003; MARX, 2011). Para além, a reificação está vinculada à alienação e ao estranhamento do trabalho, visto que o trabalhador desconhece a totalidade do processo produtivo, na qual as partes agem reciprocamente umas sobre as outras (LUKÁCS, 2003). Desta maneira, o filósofo húngaro concebe a reificação como fenômeno geral e estrutural das sociedades capitalistas, o qual objetifica o homem, transformando-o em coisa no processo de produção.

Em outras situações, Ramos (2012) também alude a aspectos da reificação, como na ocasião em que narra o desentendimento entre Fabiano e o patrão, motivado pelo desacordo entre os cálculos elaborados por sinhá Vitória e a contabilidade realizada pelo patrão para o pagamento da dívida. Perante o impasse, Fabiano não contesta o chefe, atribuindo a discordância referente ao montante da dívida à ignorância de sua companheira, sinhá Vitória. Para além, diversas passagens da obra corroboram a reificação da esposa e dos dois filhos do casal.

Ademais, é válido salientar que fenômenos como a extração da mais-valia, a reificação, a alienação e o estranhamento do trabalho caracterizam tanto a produção agrícola, quanto a industrial, as quais estão consideravelmente inseridas no modo de produção capitalista. Em **Morte e Vida Severina**, as ciganas profetizam a respeito das possibilidades futuras de trabalho do recém-nascido, o qual recebia presentes e visitas de diversas pessoas. Em seus dizeres:

    Não o vejo dentro dos mangues,  
    vejo-o dentro de uma fábrica:

se está negro não é lama,  
é graxa de sua máquina,  
coisa mais limpa que a lama  
do pescador de maré  
que vemos aqui vestido  
de lama da cara ao pé.  
(MELO NETO, 2009, p. 140-141)

No fragmento extraído, é possível observar que frequentemente a migração em direção às urbes não atenua a exploração vivida pelo sertanejo em sua jornada de trabalho. Neste sentido, é possível inferir através dos dizeres de Melo Neto, que o trabalho desgastante outrora desempenhado em terras alheias, agora é realizado nas fábricas urbanas pelos indivíduos que efetuaram a migração campo-cidade. O êxodo rural não minorou a miséria dos migrantes, pois o cerne do problema está na ausência de propriedade sobre os meios de produção, característica inequívoca do capitalismo, o qual concentra os meios de produção sob a posse da burguesia. Engels (1985), retratando a Inglaterra oitocentista, expôs a grande insalubridade do trabalho operário nas indústrias inglesas no período posterior à Revolução Industrial, visto que a maioria do proletariado industrial era submetida a extensas jornadas de trabalho, em condições bastante deletérias à saúde humana.

João Cabral de Melo Neto (2009), Rachel de Queiroz (2010) e Graciliano Ramos (2012) ao narrarem, respectivamente, as trajetórias dos retirantes sertanejos Severino, Chico Bento e Fabiano, denunciam os malefícios das jornadas de trabalho insalubres executadas por eles, através da descrição de seus corpos carcomidos pelo trabalho. Engels (1985) também relatou os agravos ocasionados à saúde humana pelo nocivo trabalho executado pelos operários ingleses no século XIX, cujo grau de exploração era deveras elevado, tanto pela intensidade e pela carga de trabalho, quanto pela insalubridade do ambiente das fábricas.

Como o objetivo do industrial capitalista é o lucro e sua maximização, sempre haverá extração da mais-valia do trabalhador e intensa exploração de sua mão de obra, a qual é minorada em decorrência de criação da legislação trabalhista. No Brasil, a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), promulgada por Getúlio Vargas em 1943, e o Estatuto do Trabalhador Rural (ETR), instituído por João Goulart em 1963, asseguraram importantes direitos aos trabalhadores urbanos e rurais, respectivamente (VILAS BOAS, 2016).

Aludindo à Guerra de Canudos, Euclides da Cunha (2012) ilustra a possibilidade de utopia em pleno semiárido nordestino. No ano de 1893, sob a liderança de Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro, a cidade de Belo Monte foi fundada, situada na fazenda abandonada de Canudos, nas proximidades do rio Vaza-Barris. Canudos, alcunha pela qual ficou conhecida a cidade de Belo Monte, era uma sociedade utópica composta principalmente por sertanejos pobres, na qual não existia opressão e havia liberdade e igualdade entre seus moradores. Sua economia era de autossustentação, visto que seus integrantes desenvolveram a agricultura e a pecuária caprina como forma de providenciar os víveres necessários aos seus habitantes (CUNHA, 2012).

Propositamente, a cidade de Belo Monte foi instalada numa região de topografia acentuada e as moradias estavam dispostas de forma amontoadas e desordenadas, de modo a dificultar possíveis invasões e represálias estatais. Canudos foi um movimento de luta e exprimiu uma resposta do povo sertanejo frente ao latifundiarismo e à opressão da burguesia latifundiária. Conselheiro pregou em distintas localidades do sertão, opondo-se ao latifundiarismo e à burguesia e atuando em prol da redução do pauperismo e da fome da população sertaneja (CUNHA, 2012). Em outubro de 1897, depois de diversas expedições, o governo federal dizimou praticamente todos os integrantes de Canudos e destruiu a infraestrutura física da cidade, cuja população era de aproximadamente trinta e cinco mil habitantes. Nos dizeres de Euclides da Cunha (2012, p. 597):

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

No excerto em destaque, o autor salienta a resistência dos componentes de Canudos. Em 5 de outubro de 1897, seus últimos integrantes foram assassinados. No dia seguinte, as 5.200 residências que constituíam a utópica sociedade foram completamente destruídas pelos militares. As ações do exército na região de Canudos ocasionaram uma chacina de proporções inenarráveis, contabilizando o assassinato de mais de 25 mil pessoas.

Para Löwy (1991), as utopias são visões sociais de mundo coletivas e revolucionárias, pois almejam a transformação da realidade. Neste âmbito, a utopia aponta para um futuro a ser construído. Assim, a utopia é um estímulo ao movimento e à ação, a qual a concretiza, conferindo-lhe materialidade. Nos dizeres de Therborn (1991), a dominação ideológica se expressa de muitas maneiras, como no sentido de inevitabilidade, o qual assinala a imutabilidade dos fatos sociais, disseminando a ideia de que não há alternativas em relação à realidade já dada. Lukács (2003) expõe que a mentalidade burguesa, marcada ideologicamente pelo fatalismo, concebe a realidade como algo imutável, inviabilizando as utopias. Desta maneira, através das noções de inevitabilidade e de fatalismo, promove-se o fim das utopias e o esmorecimento das lutas sociais.

A sociedade estabelecida em Canudos é um inequívoco exemplo de utopia, a qual foi concretizada e materializada pela fundação da cidade de Belo Monte, edificada pela coletividade de seus integrantes. Seu caráter revolucionário se manifesta na contraposição ao latifundiarismo e à burguesia, assim como na difusão da possibilidade de uma sociedade alternativa, com funcionamento e valores muito distintos das demais. A violenta repressão militar a Canudos não foi mera coincidência, visto que o movimento evidenciou que há alternativas em relação à realidade vigente, a qual pode ser transformada.

Ademais, Calasans (1970) aponta que o vocábulo jagunços foi o termo pelo qual os seguidores de Antônio Conselheiro, principalmente compostos por pobres, mestiços e trabalhadores braçais, ficaram conhecidos na Campanha de Canudos. Neste sentido, na obra de Euclides da Cunha (2012), o vocábulo jagunço expressa um tipo especial de sertanejo, o qual está disposto a participar de lutas armadas, embora tenha outras ocupações.

### **Considerações finais**

Desta maneira, é possível notar que a literatura reporta alguns dos principais aspectos das relações de trabalho vigentes no sertão nordestino, sobretudo aqueles vinculados à exploração da mão de obra, à insalubridade das jornadas de trabalho e à alienação do trabalhador. Nas obras de autores como Graciliano Ramos, João Cabral de Melo Neto e Rachel de Queiroz, a expropriação dos meios de produção é um dos principais fatores que colaboram para a exploração da força de trabalho e para

a miséria da classe trabalhadora. Ademais, também possibilitam a seguinte reflexão - a despeito das adversidades impostas pelas condições físicas do semiárido nordestino, elementos de ordem socioeconômica, como a concentração fundiária e a disparidade na distribuição da renda, são os maiores responsáveis pelo pauperismo e pelas deletérias jornadas de trabalho da população sertaneja.

A despeito da elevada concentração fundiária, do latifundiarismo e das relações de trabalho exploratórias vivenciadas pelos habitantes do sertão nordestino, Canudos representou a materialização utópica de uma sociedade assentada na liberdade e na igualdade entre seus membros. Neste sentido, o massacre efetuado pelas tropas militares federais contra os habitantes de Canudos não foi uma casualidade, visto que o movimento representava a possibilidade de uma sociedade diferente, contrariando os interesses das elites dominantes. Ademais, a cidade de Canudos, fundada no sertão baiano, corrobora a possibilidade de utopia, visto que a sociedade liderada por Antônio Conselheiro propiciou uma alternativa em relação à realidade vigente, possuía viés revolucionário e almejava transformações estruturais, contestando as ideologias dominantes.

## Referências

- ANDRADE, M. C. **Agricultura & Capitalismo**. São Paulo: Ciências Humanas, 1979. 115 p.
- BORGES, V. R. História e Literatura: Algumas Considerações. **Revista de Teoria da História**. v. 01, n. 03. 2010, p. 94-109.
- CALASANS, J. Os Jagunços de Canudos. **Cahiers du Monde Hispanique et Luso-Brésilien**. Caravelle. v. 15, n. 01. 1970, p. 31-38.
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. – Estudos de Teoria e História Literária. 12ª Edição Revista pelo Autor. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul. 2011, 204 p.
- CUNHA, E. **Os Sertões** (Campanha de Canudos). 4ª Reimpressão. São Paulo: Martin Claret, 2012. 637 p.
- ENGELS, F. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra**. Tradução de R. C. Artigas e R. Forti. São Paulo: Global, 1985. 391 p.
- KAUTSKY, K. **A Questão Agrária**. 3ª Edição. São Paulo: Proposta Editorial, 1980. (Coleção Proposta Universitária). 184 p.



LEFEBVRE, H. **Marxismo**. Tradução: William Lagos. Porto Alegre: L&PM, 2013. 127 p.

LÖWY, M. **Ideologias e Ciência Social** – Elementos para uma análise marxista. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1991. 112 p.

LUKÁCS, G. **História e Consciência de Classe**: Estudos sobre a Dialética Marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 598 p.

MARX, K. Trabalho Estranhado e Propriedade Privada. In: ANTUNES, R. (org.). **A Dialética do Trabalho I** – Escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2004. p.173-195.

\_\_\_\_\_. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução de A. Marins. 2ª Reimpressão. São Paulo: Martin Claret, 2006. 198 p.

\_\_\_\_\_. **Gundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. Tradução de M. Duayer, N. Schneider, A. H. Werner e R. Hoffman. Rio de Janeiro: Boitempo/UFRJ, 2011. 788 p.

MELO NETO, J. C. A Cana dos Outros. In: \_\_\_\_\_. **A Educação Pela Pedra e Outros Poemas**. Rio de Janeiro: Alfaguara/ Objetiva, 2008, p. 133-134.

\_\_\_\_\_. Morte e Vida Severina. In: \_\_\_\_\_. **Morte e Vida Severina**: e outros poemas. Rio de Janeiro: Objetiva. 2009, p. 97-144.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 4ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2012.

QUEIROZ, R. **O Quinze**. 90ª Edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010. 157 p.

RAMOS, G. **Vidas Secas**. 117. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012. 174 p.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro**. 7ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 435 p.

THERBORN, G. **La Ideología del Poder y El Poder de la Ideología**. 3ª Edição. México: Siglo Veintiuno, 1991. 109 p.

VILAS BOAS, L. G. **Segurança Alimentar e Relações Capitalistas no Campo e na Cidade: O Exemplo de Nepomuceno-MG**. 2016. 233 f. Dissertação (Mestrado em Geografia. Área de Concentração: Dinâmicas Socioespaciais). Departamento de Geografia. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora.

Recebido em 15 de março de 2017  
Aprovado em 10 de setembro de 2017